



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO

ROSA MARIA DA COSTA SIQUEIRA

**DESAFIOS E PRÁTICAS INCLUSIVAS NO ATENDIMENTO EDUCACIONAL
ESPECIALIZADO PARA AS ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO:
NARRATIVA DOCENTE**

MOSSORÓ

2017

ROSA MARIA DA COSTA SIQUEIRA

**DESAFIOS E PRÁTICAS INCLUSIVAS NO ATENDIMENTO EDUCACIONAL
ESPECIALIZADO PARA AS ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO:
NARRATIVA DOCENTE**

Artigo apresentado ao Curso de Especialização em Atendimento Educacional Especializado da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Especialista em Atendimento Educacional Especializado.

Orientadora: Profa. Mestra Ana Gabriela de Souza Seal.

MOSSORÓ

2017

**DESAFIOS E PRÁTICAS INCLUSIVAS DO ATENDIMENTO EDUCACIONAL
ESPECIALIZADO PARA AS ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO:
NARRATIVA DOCENTE**

RESUMO

Este estudo parte das reflexões sobre a prática pedagógica de uma professora do Atendimento Educacional Especializado (AEE) voltado a estudantes com Altas Habilidades/Superdotação (AH/S). As práticas metodológicas inclusivas para pessoas com AH/S compõem uma discussão que se direciona para o preparo de diversas propostas de trabalho, haja vista as especificidades inerentes a cada ser na perspectiva de ampliar e potencializar as possibilidades de aprendizagem. Neste artigo, é problematizada a inclusão desses sujeitos a partir da seguinte questão: como as práticas pedagógicas desenvolvidas no AEE do Centro Regional de Educação Especial de Mossoró (CREE-MOS) têm contribuído para o desenvolvimento e empoderamento de um estudante com AH/S com vistas a sua inclusão? O objetivo é reconhecer, por meio da narrativa de uma docente, práticas pedagógicas desenvolvidas pelo AEE que contribuíram para o desenvolvimento e empoderamento do referido estudante na perspectiva da sua inclusão. A metodologia, de cunho qualitativo, é embasada no método (Auto) biográfico de Josso (2010), com o auxílio de entrevista semiestruturada. Os resultados apontam que ao narrar sua experiência profissional, o direcionamento e os caminhos seguidos no AEE de alunos com AH/S a entrevistada pode refletir sobre sua prática, ação que lhe permitiu ter consciência do que faz e do que poderá fazer para melhorar o processo de aprendizagem desses alunos. A narrativa descrita permite perceber a importância dos centros de atendimento especializado, com profissionais qualificados, para o desenvolvimento do potencial do público alvo da Educação Especial, muitas vezes não viabilizado nas salas de aula comum, como também para a aceitação de suas diferenças e particularidades, de modo a possibilitar a efetivação de seus direitos individuais e sociais.

Palavras-Chave: NARRATIVA DOCENTE; ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO; ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO.

ABSTRACT

This study emerges from reflections on the pedagogical practice of a teacher of Specialized Educational Assistance (ESA), facing students with high Abilities/Giftedness (HA/G). Methodological inclusive practices approach is used for people with HA/G building up a discussion that directs to the preparation of several proposals, considering the specificities inherent in every being to extend and enhance the learning possibilities. In this paper, the inclusion of these subjects emerged from the following question: how pedagogical practices developed in the ESA Regional Centre of special education of Mossoró (CREE-MOS), have contributed to the development and empowerment of a student with HA/G to its inclusion? The aim is to recognize, through the narrative of a teacher, pedagogical practices developed by the SEA that contributed to the development and empowerment of the student in terms of its inclusion. The methodology is of a qualitative nature, for it is based on the method autobiographical Josso (2010), with the aid of a semi-structured interview. The results show that when they narrate its professional experience, recount the direction and paths followed in SEA students with HA/G the interviewed may reflect about its practice, action that allowed him to be aware of what you do and what you can do to improve the learning process of these students. The narrative described, allows them to perceive the importance of specialized centers, with qualified professionals for the development of the potential of the target audience of special education. Furthermore, it is not possible in ordinary classrooms, as well as for the acceptance of their differences and peculiarities. This is to enable the realization of its individuality and its social rights

Keywords: TEACHING NARRATIVE;. SPECIALIZED EDUCATIONAL ASSISTANCE; HIGH ABILITIES/GIFTEDNESS.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As práticas metodológicas inclusivas para pessoas com Altas Habilidades/Superdotação (AH/S) são pauta para uma discussão que demanda o preparo de diversas propostas de trabalho, haja vista as especificidades inerentes a cada ser na perspectiva de ampliar e potencializar as possibilidades de aprendizagem.

Neste artigo, é problematizada a inclusão desses sujeitos a partir da seguinte questão: como as práticas pedagógicas desenvolvidas no Atendimento Educacional Especializado (AEE) do Centro Regional de Educação Especial de Mossoró (CREE-MOS) têm contribuído para o desenvolvimento e empoderamento de um estudante com AH/S com vistas a sua inclusão? Assim posto, o objetivo norteador do estudo foi reconhecer, por meio da narrativa de uma docente, práticas pedagógicas desenvolvidas pelo AEE que contribuíram para o desenvolvimento e empoderamento do referido estudante na perspectiva da sua inclusão.

A motivação para a pesquisa é fruto da minha vivência no CREE-MOS, como professora do AEE, acompanhando os percalços e desafios enfrentados por um aluno com AH/S, bem como da convivência com os demais discentes, profissionais e famílias. O contato com esses sujeitos me possibilitou perceber as dificuldades de alguns profissionais e familiares em lidarem com alunos e filhos com Necessidades Educacionais Especiais (NEE), bem como vivenciar as práticas e as dificuldades presentes para a plena efetivação da inclusão. Dentre as principais dificuldades destaco: identificar estudantes AH/S; realizar metodologias e práticas que favoreçam o desenvolvimento de habilidades e potencialidades desses sujeitos, verbalizadas constantemente nas formações oferecidas e realizadas pela equipe pedagógica da referida instituição. Esses elementos constitutivos da minha formação e experiência profissional foram demasiadamente importantes para me fortalecer e me aproximar da pesquisa.

Somadas a essas experiências estão a participação em Rodas de Estudos sobre A Lei Brasileira de Inclusão (LBI) e a oportunidade de cursar uma Especialização em Atendimento Educacional Especializado, o que me oportunizou leituras, diálogos, novas competências e acrescentou saberes ao meu fazer profissional. Esse conjunto de conhecimentos provocou inovações e se constituiu valioso instrumento para o aprimoramento das ações pedagógicas, pois permite (re)pensar e refletir sobre as contribuições dos/as professores/as do AEE, o aprendizado docente, o saber e o saber-fazer na relação com o outro no exercício da profissão.

A pesquisa, de cunho qualitativo, se alicerça no método (auto)biográfico proposto por Josso (2010), por meio do qual o sujeito docente narra suas experiências e reflete sobre elas. Para a condução da narrativa foi utilizada a entrevista semiestruturada, importante instrumento investigativo que garante ao entrevistador um conjunto de questões predefinidas, mas com liberdade para colocar outras cujo interesse surja no decorrer da entrevista.

Importantes autores auxiliaram no estudo de conceitos de altas habilidades/superdotação, atendimento educacional especializado, inclusão, (auto)biografia e formação humana, com destaque para: Renzulli (2004); Bedaque (2015); Masetto (2000); Josso (2010); Passeggi (2015).

Constatada a escassez de pesquisas que abordam o tema das AH/S, a realização deste estudo é de grande relevância acadêmica, principalmente para as universidades locais, Universidade Federal do Semiárido – UFERSA e Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, uma vez que possibilitará a análise de como está acontecendo a inclusão de estudantes com AH/S nesses espaços.

O estudo também pode ser uma ferramenta importante para a reflexão e a formação humana, visto que promoverá a capacidade reflexiva e consciência crítica diante da sociedade na qual as pessoas se inserem, tornando possível uma sociedade mais ética e justa, bem como resgatando a cidadania.

Para a melhor organização das informações, este artigo está dividido em duas partes. O primeiro tópico, **AEE para estudantes com AH/S: desafiar limites e promover a inclusão**, contempla um caminhar pela discussão teórica e reflexões acerca de como pensar e fazer a inclusão dos sujeitos com essas características. O segundo tópico, **Práticas pedagógica inclusivas para valorização das diferenças: narrativa de experiência**, traz a voz da professora entrevistada, destacando a sua experiência no AEE, práticas pedagógicas e momentos de (re)construção para sua (auto)formação.

AEE PARA ESTUDANTES COM AH/S: DESAFIAR LIMITES E PROMOVER A INCLUSÃO

Compreende-se a Educação Especial como uma modalidade de ensino que visa assegurar um conjunto de recursos e serviços educacionais especializados a fim de que seja garantida a aprendizagem e que se promova o desenvolvimento das potencialidades daqueles(as) que apresentam NEE, seja em quaisquer níveis, etapas e modalidades da educação (BRASIL, 1996, art. 4º, inciso III). A partir dessa conceituação, o senso comum

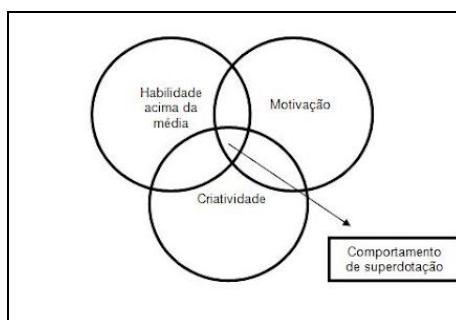
identifica educação especial como sendo aquela destinada a indivíduos com deficiências (sejam elas físicas, sensoriais ou intelectuais). Entretanto, a educação especial também contempla a educação destinada a estudantes com Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD) e com Altas Habilidades/Superdotação (AH/S), bem como considera estes últimos como aqueles que apresentam grande facilidade no aprendizado, com rápido domínio de conceitos, procedimentos e atitudes.

Ofertar uma educação efetivamente inclusiva e sem distinção não é tarefa fácil, porém não é impossível. Na perspectiva de educação inclusiva a pessoa com deficiência não se integra por si mesma, por isso os ambientes devem se transformar como forma de possibilitar sua inserção. Por consequência:

O professor de AEE não deve se limitar a colocar como específico o recurso de tecnologia como sendo seu principal instrumento de sua ação. O recurso é imprescindível se com a ação pedagógica trazer o estudante para o envolvimento do aprender, tanto em sala de recursos multifuncionais como em sala de aula regular e em outros espaços que se fizerem necessários. (BEDAQUE, 2015, p. 55).

Superdotados ou altamente habilidosos são pessoas que apresentam capacidade ou potencial acima da média da população. Os alunos com essas características apresentam qualidades especiais, mas também necessidades educacionais especiais. Na tentativa de conceituar a superdotação, Renzulli¹ (2004) propõe a Teoria dos Três Anéis, a qual revela o fenômeno como um entrelaçado que envolve três aspectos: capacidade geral e/ou específica acima da média; elevados níveis de comprometimento com a tarefa; e criatividade. Com base nessa teoria, a superdotação estaria localizada na intersecção dessas áreas, conforme a imagem abaixo:

Figura 1 – Anel de Renzulli



Fonte: <https://supereficientemental.com/diagnosticos-aneis-de-renzulli>

¹ Pesquisador do Centro Nacional de Pesquisa sobre Superdotado e Talentoso da Universidade de Connecticut, nos Estados Unidos e um dos mais renomados pesquisadores nesta área.

No Brasil, desde 1996, a legislação já contempla o aluno com AH/S, especificando o atendimento de suas necessidades. Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN, Lei 9.394/1996), em seu artigo 4º, inciso V, consta que o aluno com AH/S deve ter “[...] acesso aos níveis mais elevados de ensino, de pesquisa e criação artística, segundo as capacidades de cada um”. Logo, entende-se que a Educação Especial não é mais concebida como um sistema educacional paralelo ou segregado, mas como um conjunto de recursos que a escola regular deverá dispor para atender à diversidade de seus alunos. Da mesma lei, merece destaque o artigo 59, referente à educação especial:

Art. 59. Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação:

- I – currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades;
- II – terminalidade específica para aqueles que não puderem atingir o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências, e aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para os superdotados;
- III – professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns;
- IV – educação especial para o trabalho, visando a sua efetiva integração na vida em sociedade, inclusive condições adequadas para os que não revelarem capacidade de inserção no trabalho competitivo, mediante articulação com os órgãos oficiais afins, bem como para aqueles que apresentam uma habilidade superior nas áreas artística, intelectual ou psicomotora.

Apesar de possuírem uma dinâmica de aprendizado acima da média, os estudantes com AH/S também necessitam de acompanhamento especial, seja por meio da educação inclusiva ou com o apoio de instituições que possam prover este atendimento diferenciado, acompanhando o desenvolvimento dos alunos(as) nos aspectos cognitivo, emocional e social. Atualmente, o Ministério da Educação (MEC) adota uma perspectiva multidimensional para as altas habilidades ao definir que:

Alunos com altas habilidades/superdotação demonstram potencial elevado em qualquer uma das seguintes áreas, isoladas ou combinadas: intelectual, acadêmica, liderança, psicomotricidade e artes, além de apresentar grande criatividade, envolvimento na aprendizagem e realização de tarefas em áreas de seu interesse (BRASIL, 2008, n.p.).

A definição acima conduz à reflexão sobre a necessidade de reconhecer como é de grande importância valorizar e investir na educação especial para estudantes com Altas Habilidades/Superdotação. Isso significa garantir o direito destes sujeitos de terem suas

capacidades e habilidades desenvolvidas, como também oportunidades de expandir seus potenciais, e, em consequência disso, ter a possibilidade de aumentar sua qualidade de vida.

Sabe-se que as leis, enquanto instrumentos legais, por si só não garantem a aceitação da diferença e da diversidade humana, entretanto, as políticas direcionadas à Educação Especial devem ser reconhecidas como conquistas decorrentes de muitas lutas e empenho de inúmeros sujeitos com ou sem deficiência, os quais se organizaram em prol do desejo e da necessidade da efetivação de um processo de inserção no sistema educacional.

Entre os que têm lutado pela efetivação da educação inclusiva estão os professores do AEE, cujo trabalho é essencial para o desenvolvimento das capacidades e habilidades de sujeitos com NEE. No intuito de demonstrar a relevância desse profissional na consolidação da educação inclusiva apresento a seguir as narrativas de uma professora do AEE no Centro Regional de Educação Especial de Mossoró (CREE-MOS).

PRÁTICA PEDAGÓGICA INCLUSIVA PARA VALORIZAÇÃO DAS DIFERENÇAS: NARRATIVAS DE EXPERIÊNCIA DOCENTE

Neste momento, trago os relatos das experiências de uma professora junto a um aluno com AH/S, o qual fora obtido com base no método autobiográfico, que, de acordo com Josso (2010), expressa o escrito da própria vida, onde o sujeito desloca-se numa análise entre o papel vivido de ator e autor de suas próprias experiências, sem que haja uma mediação externa de outros. A partir dessa ótica, é possível se pensar na possibilidade da formação dos professores, nas suas histórias de vida, suas implicações e fertilidades, partindo da singularidade e subjetividade das narrativas (auto) biográficas no processo de formação inicial (Souza, 2006).

Para Passeggi (2015), as narrativas de formação docente permitem ao sujeito se (re)conhecer e se (re)descobrir nas relações com os saberes práticos, com o grupo, com a instituição formadora e com seus alunos, de modo a clarificar suas práticas e evoluir nas representações de si e do outro.

Masetto (2000), por sua vez, entende que, no processo de ensino-aprendizagem, o estudante se torna sujeito de ações que o levam a aprender e a mudar seu comportamento. Essas ações ele as realiza sozinho (auto-aprendizagem), com o docente e com os seus colegas (inter-aprendizagem).

É essencial, portanto, que a escola inclusiva recorra a um ensino concreto, ativo, voltado para o incremento da criatividade e do imaginário e, principalmente, para uma sensibilização profunda concernente às experiências contextuais das pessoas com NEE.

Enquadrado como Instituição inclusiva, o CREE-MOS é mantido pelo Governo do Estado do Rio Grande do Norte, através da Secretaria Estadual de Educação e Cultura. A instituição pública trabalha na perspectiva inclusiva, com base nos seguintes documentos: Constituição Federal/1988; Lei nº 9394/96; Decreto 6571/2008; Resolução nº 4/2009 e Resolução nº 03/2016-CEE/RN; dentre outros. O AEE nele oferecido acontece no contra turno do ensino regular, na modalidade de Educação Especial, de forma não substitutiva.

A instituição atende aproximadamente cem alunos nos turnos matutino e vespertino e tem como finalidade contemplar estudantes com NEE provisórias e/ou permanentes, bem como trabalhar com docentes de escolas de ensino regular e familiares, a fim de contribuir com o processo de inclusão e proporcionar diferentes alternativas de atendimentos a partir de recursos diversos que atendam as necessidades específicas dos estudantes público alvo da Educação Especial, incentivando a livre expressão, a criatividade, o acesso ao conhecimento, a participação e interação nas atividades desenvolvidas com respeito ao ritmo de sua aprendizagem e potencialização de suas habilidades.

A docente sujeito desta investigação atua há nove anos no AEE do CREE-MOS, mas possui trinta e dois anos de experiência profissional. Sua formação é em Pedagogia, com Especialização em Psicopedagogia e Atendimento Educacional Especializado. A entrevista aconteceu nas dependências do CREE-MOS, *lócus* privilegiado da pesquisa, no dia 05 do mês de junho do ano de 2017. Anterior ao procedimento foi expresso à docente a opção da escolha de um nome fictício para preservar a sua identidade ou a utilização de seu próprio nome. Eliseuda optou por utilizar seu próprio nome.

Quando questionada sobre como o aluno chegou ao AEE, a professora relatou ter conhecimento do aluno no ano de 2014, por ocasião de uma palestra ministrada pela equipe da Sala de Recursos Multifuncional (SRM) da referida instituição, para uma escola da rede pública, com a temática “(Re)avaliando alunos(as) com Necessidades Educacionais Especiais (NEE)”. Segundo Eliseuda:

O aluno foi encaminhado pela escola pública, devido problemas de saúde e por resistência a dinâmica da escola/dificuldades no relacionamento e rejeição a escola. Alguns professores falavam que o aluno era preguiçoso e não queria nada, mas quando chega a feira da ciência ele se interessava apresentando muito conhecimento sobre robótica sem nunca ter feito um curso na área. Ele não se sentia acolhido em suas necessidades, inclusive

relatou a sua grande decepção que foi fazer um avião de baixo custo com vastas utilidades e mesmo sendo premiado pela Universidade Pública, ficando em segundo lugar, não teve nesta instituição o aproveitamento para o monitoramento de plantio no curso de agronomia, sendo assim, o seu projeto foi descartado e sem utilização, levando-o ao descrédito com a escola e com a universidade promotora do evento (Eliseuda, CREE-MOS, 05/06/2017).

A inserção das pessoas com AH/S é, de fato, um obstáculo a ser vencido, na medida em que a não adaptação ou falta de acessibilidade as tornam excluídas, comprometendo sua autoestima. Izquierdo (1996 apud GONZALEZ, 2007) enfatiza que nenhuma sociedade moderna pode se dar ao luxo de ignorar seus talentos, haja vista que estes indivíduos podem vir a dar contribuições expressivas à humanidade. Assim sendo, os estudantes perceberão a possibilidade de contribuições que podem vir a dar à humanidade.

De acordo com a argumentação de Silva (2006 apud GOMES; SAMPAIO 2014), a aprendizagem ocorre quando uma série de condições é satisfeita, como:

Quando o aluno é capaz de relacionar, de forma não arbitrária e substancial, a nova informação com os conhecimentos e experiência prévias e familiares que possui em sua estrutura de conhecimentos; quando tem a disposição de aprender significativamente; quando os materiais e conteúdos de aprendizagem têm significado potencial lógico; quando há disposição (motivação e atitude) do aluno para aprender; quando existem materiais, assim como uma adequada organização de tipos específicos de atividades e de estratégias de ensino oferecidas.

Nesse caso, para que seja verdadeiramente desenvolvida a inclusão, é imprescindível a participação e o esforço de todos os que fazem a comunidade escolar (docentes, administradores escolares, coordenadores pedagógicos, demais técnicos funcionários, discentes e responsáveis) e que participam de forma consciente e ativa do processo inclusivo.

Nesse aspecto, em seu relato, Eliseuda revela que, a partir do momento que passou a acompanhar o aluno e aplicar os instrumentos de identificação em AH/S, contou com o apoio da família, da escola regular, da Coordenação da Educação Especial da 12 Diretoria Regional de Educação e Cultura (DIREC) e do Núcleo de Atividades de Altas Habilidades / Superdotação do Estado do Rio Grande do Norte (NAAH/S–RN).

A respeito da superdotação, fenômeno com o qual Eliseuda trabalha no momento, Renzulli (2004) aponta dois tipos: acadêmica e produtivo-criativa. O autor revela que a superdotação acadêmica “é o tipo mais facilmente mensurado pelos testes padronizados de capacidade e, desta forma, o tipo mais convenientemente utilizado para selecionar alunos para os programas especiais” (RENZULLI, 2004, p. 82).

No que se refere ao aluno de Eliseuda, está inserido no tipo produtivo-criativo, o qual é descrito por Renzulli (2004, p. 83) como:

[...] aqueles aspectos da atividade e do envolvimento humanos nos quais se incentiva o desenvolvimento de idéias, produtos, expressões artísticas originais e áreas do conhecimento que são propositalmente concebidas para ter um impacto sobre uma ou mais platéias-alvo (target audiences). As situações de aprendizagem concebidas para promover a superdotação produtivo-criativa enfatizam o uso e a aplicação do conhecimento e dos processos de pensamento de uma forma integrada, indutiva e orientada para um problema real.

A inclusão desses sujeitos no espaço educacional é uma discussão que demanda o preparo de diversas propostas de trabalho. Para tanto, deve-se considerar as especificidades inerentes a cada ser/sujeito, na perspectiva de ampliar e potencializar as possibilidades de aprendizagens e saberes. A docente narra com detalhes quais foram os desafios enfrentados para a inclusão do aluno no ensino regular, bem como para prosseguir com o objetivo de concluir o Ensino Médio.

O maior desafio de inclusão foi levar o aluno a frequentar e acreditar nos projetos da escola, porém, nós vimos na Feira da Ciência mais uma oportunidade de superar suas dificuldades/decepções. Tomamos a decisão de desenvolver no AEE uma atividade suplementar para potencializar as habilidades do aluno estimulando a continuidade de seus estudos que foi a elaboração de um Projeto, no qual atribuímos uma missão para o drone – Mapeamento aéreo. Ele já havia construído o drone reaproveitando algumas peças, configurando a placa arduino (Eliseuda, CREE-MOS, 05/06/2017).

Conforme explícito na Política Nacional de Educação Especial, na Perspectiva da Educação Inclusiva: “O atendimento educacional especializado identifica, elabora e organiza recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando as suas necessidades específicas” (BRASIL, 2008, p.15). Portanto, dentre as ações do professor do AEE, que deve ser articulada com os demais profissionais envolvidos e principalmente com a família, deverá ser desenvolvido um estudo de caso para cada aluno atendido para que sejam melhor identificadas as suas necessidades e elaborado um Plano de Atendimento Educacional Especializado para a realização de ações que possibilitem o avanço na aprendizagem. É importante frisar ainda que:

A implantação de uma Rede de Apoio à Educação Inclusiva tem como função: ampliar a atenção integral à saúde do aluno com necessidades educacionais especiais; assessorar às escolas e às unidades de saúde e

reabilitação; formar profissionais de saúde e da educação para apoiar a escola inclusiva; assessorar a comunidade escolar na identificação dos recursos da saúde e da educação existentes na comunidade e orientar quanto à utilização destes recursos; informar sobre a legislação referente à atenção integral ao aluno com necessidades educacionais especiais e sobre o direito à educação e sensibilizar a comunidade escolar para o convívio com as diferenças (PAULON, 2005, p. 46.).

Através de análise no Plano de Atendimento Educacional Especializado apresentado pela docente foi possível identificar estratégias metodológicas do AEE para a inclusão e empoderamento do referido aluno. O plano tinha como objetivo geral organizar situações que favorecessem o desenvolvimento da alta habilidade e criatividade do aluno e objetivos específicos: oportunizar experiências que possibilitem relações intra e interpessoais; valorizar suas habilidades e autoestima, encorajando sua participação em eventos científicos; aprimorar sua habilidade e participação em eventos escolares e sociais; favorecer a ampliação de suas altas habilidades; oportunizar a vivência criativa; utilizar vários materiais para desenvolver a habilidade específica, oportunizando a vivência escolar de forma saudável. Ainda consta no plano atividades a serem vivenciadas: pesquisa na internet; leituras; produção de texto; elaboração de projeto; entrevistas com a mídia televisiva; apresentação em feiras de Ciências; bem como parcerias com a família; a escola, a 12 DIREC; o NAAH/S-RN e universidades públicas.

Quando solicitada a refletir se o AEE contribuiu para a inclusão e empoderamento do aluno, Eliseuda disse:

Observamos o seu vasto conhecimento em robótica e a sua brilhante desenvoltura ao apresentar o projeto “Eagle vision: uma ferramenta eficaz para mapear e auxiliar no combate a dengue”. O aluno conseguiu na V Feira de Ciências do Semiárido Potiguar UFERSA, destaque na área de Ciências Exatas e da Terra – sendo credenciado para o MOCINN. E em 04, 05 e 06 de novembro de 2015, apresentou o projeto na feira nomeada de Movimento Científico Norte Nordeste – MOCINN. Sendo classificado no 3º lugar na área de ciências Exatas e da Terra e ainda foi credenciado para Feira MILSET AMLAT em Nazatlan (México). Contudo, o aluno relatou mais uma vez a decepção de não ver a utilização do seu drone. Vale ressaltar que durante a elaboração do projeto o AEE do CREE-MOS resolveu ajudá-lo, divulgando na mídia falada e escrita a sua habilidade e produção para o seu empoderamento, passando o aluno a realizar filmagens e fotografias com o uso do drone, bem como teve o reconhecimento das pessoas que passaram a lhe procurar pra montagem, manutenção e orientação de voo com drones. Atividade que realiza até hoje (Eliseuda, CREE-MOS, 05/06/2017).

A fala da professora permite perceber que, apesar de possuírem uma dinâmica de aprendizado acima da média, esses(as) alunos (as) também necessitam de acompanhamento

especial, seja por meio da educação inclusiva ou com o apoio de instituições que possam prover este atendimento diferenciado, acompanhando seu desenvolvimento nos aspectos cognitivo, emocional e social. Essa percepção conduz à reflexão sobre essa modalidade de ensino e ao reconhecimento de como é de grande importância valorizar e investir na educação especial para estudantes com AH/S, o que significa lhes garantir o direito de desenvolverem capacidades e habilidades, bem como a oportunidade de expandir seus potenciais, e, em consequência disso, terem a possibilidade de aumentar sua qualidade de vida.

Ao narrar sua experiência profissional, o direcionamento e os caminhos seguidos no AEE ao atender alunos com AH/S, a entrevistada pode refletir sobre sua prática e ter consciência do que faz e do que poderá fazer para melhorar o processo de aprendizagem desses alunos. Assim, Eliseuda, com emoção, disse:

O desafio é grande e o desejo de fazer melhor, é maior. Planejo, reflito, aplico e reflito interagindo com amor. Para no caminho sentir o perfume do broto em flor. Durante a labuta com afinco, avanço e retrocesso. Há sempre formas de olhar e chegar ao sucesso. Missão sublime e intensa é do ser PROFESSOR. (Entrevista feita com Eliseuda, CREE-MOS, 05/06/2017)

Diante do exposto, acredita-se ter sido salutar e de extrema relevância a narrativa da professora, não só como análise, mas também como reflexão sobre o aprendizado docente. Por meio de sua experiência observa-se que os profissionais do AEE necessitam ter suas vozes ouvidas como forma de acender debates importantes no campo educacional, de maneira que sejam motivados conhecimentos teóricos/práticos para (re)significar sua prática profissional.

CONSIDERAÇÕES INCONCLUSAS

Este estudo permitiu perceber a importância de identificar o mais cedo possível estudantes com AH/S, para que possam ser acompanhados devidamente, de acordo com as suas capacidades. Tratar da aprendizagem desses sujeitos numa perspectiva inclusiva é admitir a ideia de um ambiente escolar que não os selecione em função de suas diferenças individuais, sejam elas orgânicas, sociais ou culturais. O trabalho e mediação junto a esses alunos deve atentar e considerar a forma como cada um vivencia e apreende o mundo a sua volta.

Acredita-se que muitos profissionais desconhecem ou ignoram as características de pessoas com AH/S, o que poderá ocasionar num diagnóstico tardio. Em consequência disso, o aluno deixa de aproveitar momentos de enriquecimento para sua aprendizagem, o que o leva a ficar desatento às aulas, que não lhe despertam interesse. Considera-se ainda a importância da família ter orientação para saber como lidar com as necessidades desse aluno, bem como o conhecimento da legislação sobre altas habilidades/superdotação para garantir a efetivação dos direitos de seus filhos.

De fato, as pessoas com AH/S precisam e devem ter um atendimento diferenciado em um espaço onde possam desenvolver seu talento e aprofundar-se nos conteúdos de aprendizado. Para tanto, é importante a atribuição do professor do AEE em fazer o levantamento das demandas que favoreçam o acesso ao estudante. Entretanto, a atuação desse profissional deve ser em parceria com a escola regular e com os demais profissionais envolvidos no processo. O educador, enquanto mediador necessita estar aberto para desfazer barreiras e construir possibilidades, ampliando sua percepção e compreensão dos conhecimentos.

A narrativa aqui descrita permitiu ainda perceber a importância dos centros de atendimento especializado, com profissionais especializados, para desenvolver, com o público alvo da Educação Especial, o potencial muitas vezes não visibilizado nas salas de aula comum, como também para contribuir com a aceitação de suas diferenças e particularidades, de modo a possibilitar a efetivação de seus direitos individuais e sociais.

REFERÊNCIAS

BEDAQUE, Selma Andrade de Paula. **Atendimento educacional especializado** / EDUfersa - Mossoró, 2015.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 2004. _____. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. LDB 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

_____. Ministério da Educação. **Marcos Político-Legais da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Secretaria de Educação Especial. Brasília: Secretaria de Educação Especial, 2010. 73 p.

_____. Ministério da Educação/Secretaria de Educação Especial. **Decreto nº 6.571/2008**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br>>. Acesso em: 01 mar. 2017.

_____. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Secretaria de Educação Especial – MEC/SEESP, 2008. Disponível em: < www.mec.gov.br >.

Acesso em 10 jun. 2017.

_____. **Resolução nº 04, de 02 de outubro de 2009.** Institui as Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, na modalidade Educação Especial. Conselho Nacional de Educação/ Câmara de Educação Básica. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br>>. Acesso em: 01 maio 2017.

GOMES, Hilda Teixeira; SAMPAIO, Vilma Gomes. Recursos de tecnologias para o ensino do aluno com deficiência visual. In: **I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INCLUSÃO ESCOLAR: PRÁTICAS EM DIÁLOGO**. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. CAP- UERJ. Rio de Janeiro. 21 a 23 de outubro de 2014. Disponível em: http://www.cap.uerj.br/site/images/stories/noticias/10-gomes_e_sampaio.pdf. Acesso em: 23 mar. 2017.

GONZALEZ, E. et al. (Org.) **Necessidades Educacionais Específicas**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiência de vida e formação**. 2. ed. rev. e amp. Natal, RN: EDUFRN, São Paulo: Paulus, 2010.

MASETTO, Marcos T. Mediação pedagógica e o uso da tecnologia. In: MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas, São Paulo: Papirus, 2000.

PASSEGGI, M. C. (2003). Narrativa autobiográfica: uma prática reflexiva na formação docente. In: **ANAIS DO II COLÓQUIO NACIONAL DA AFIRSE – UNB**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte - Brasil. Disponível em: MC Passeggi - II COLÓQUIO NACIONAL DA AFIRSE. Anais. Brasília. Acesso em: 15 set. 2015.

PAULON, Simone Mainieri; FREITAS, Lia Beatriz de Lucca; PINHO, Gerson Smiech (Org.). **Documento subsidiário à política de inclusão**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2005. 48 p. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/docsubsidiariopoliticaeinclusao.pdf>. Acesso em: 15 de nov. de 2016.

RENZULLI, Joseph S. O que é esta coisa chamada superdotação, e como a desenvolvemos? Uma retrospectiva de vinte e cinco anos. In: **Revista Educação**. Porto Alegre/RS. PUCRS, ano 27, v. 1, n. 52, p. 75–131, jan./abr. 2004.

SOUZA, Elizeu Clementino de. A Arte de Contar e Trocar Experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. EC Souza - **Revista Educação em Questão**, 2006. Disponível em: <http://www.revistaeduquestao.educ.ufrn.br/pdfs/v25n11.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2017.

VIRGOLIM, Angela M. R. **Altas Habilidades/Superdotação: encorajando potenciais**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007. 70 p.